

## *Maria de Lourdes, a administradora que vive a cidade*

A característica de Ceilândia é o matriarcado. Quando da criação da satélite houve a remoção de várias vilas que formavam uma favela defronte ao Núcleo Bandeirante, na época, Cidade Livre. Os lotes foram entregues em nome das mulheres. Temia-se que houvessem separações familiares e que as mulheres e crianças ficassem desamparadas. Maria de Lourdes Abadia Bastos, na época Assistente Social da Fundação Serviço Social, colaborou na fixação das primeiras famílias.

Hoje, como administradora ela conta fatos e faz uma espécie de balanço da Ceilândia de ontem, de hoje e esperança do amanhã. "Os moradores de Ceilândia têm uma característica que a gente pode identificar como otimismo, esperança e vontade de vencer na vida. Uma bagagem que colaborou muito com o desenvolvimento da comunidade, do homem e da melhoria do nível de inspiração deles que vieram para Brasília sem capacitação profissional com uma bagagem cultural completamente diversa do meio urbano, sofisticado, com uma cidade que seria tão moderna, e bem diferente do sertão ou cidade do interior nordestino de onde veio a maioria dos habitantes de Ceilândia".

"A primeira coisa que ocorreu com essa camada populacional foi o choque cultural. Em suas terras eles conheciam o dono da farmácia, o prefeito, o padre, e faziam um tipo de troca na aquisição de mercadorias. Colhiam feijão e trocava na loja pela sandália, pelo

remédio e por outras mercadorias de consumo. Lá eles eram conhecidos como o filho de seu fulano, o neto de sicrano. Ao chegar em Brasília — como ainda hoje acontece com os novos migrantes — ele precisa de documentos. É informado que tem de ir ao posto do Sine para fazer uma ficha de inscrição e pra isso é necessário a carteira de identidade, título de eleitor, CPF e outros. Na maioria das vezes ele só tem a certidão de nascimento. O fluxo obrigatório continua, não acabou, talvez um pouco menos do que no princípio ou no auge da construção de Brasília. Muitos atraídos até pelas invasões. **Ceilândia é o pouso do migrante**".

Maria de Lourdes comenta ainda que "a primeira fase de Ceilândia foi o "candango" que construiu Brasília. Na época da remoção mudaram pra cá em companhia de seus filhos pequenos. Esses filhos tiveram acesso a escolas e foi feito um trabalho no sentido de que esses jovens não sentissem vergonha da condição de analfabetismo dos pais. Foi um trabalho que evitou o choque cultural de rejeição familiar. Os "candangos" hoje estão velhos, aposentados, alguns trabalhando ainda como vigias e biscateando e a outra geração — de seus filhos — muitos já são até universitários. Temos um número elevado de professores, formados aqui mesmo em Ceilândia. É um fator altamente positivo que nós temos do crescimento da pessoa de Ceilândia".

Outro aspecto apontado por Maria de Lourdes é a melhoria da Habitação pois Ceilândia foi uma favela transferida e implantada e hoje é considerado o maior canteiro de obras do Distrito Federal, com famílias que antes moravam em barracões de madeira e hoje, com a complementação dos salários dos filhos, estão construindo e melhorando suas casas. Se for feito um levantamento econômico das condições financeiras dessa família, ele não daria para estar construindo. No entanto, eles próprios criaram uma solidariedade, uma ajuda mútua, fizeram mutirões e geraram uma espécie de alternativa de solucionar problemas, de comprar material usado, de segunda mão. Restos de materiais de construção de obras grandes.

"O morador de Ceilândia aprendeu a sentir orgulho de viver na sua cidade e fica muito triste quando vê alguém adjetivá-la com nomes impróprios. Ninguém que more no Setor P fica satisfeito de ser chamado de morador do "caldeirão do diabo" ou morando no Setor QNO, ser identificado como habitante da "Vila do Cachorro Sentado" ou mesmo quem mora no Setor M-Norte de ser chamado como morador do "planeta dos macacos", além de ser depreciativo é uma falta de consideração para os que lutaram e fizeram de um amontoado de barraco, uma verdadeira cidade que pode ser mostrada com orgulho entre inúmeras outras brasileiras", finalizou Maria de Lourdes.